

Estreitando alianças, criando crentes moçambicanos: notas sobre a cooperação entre a Igreja Universal do Reino de Deus e a Frelimo na cidade de Maputo

Lívia Reis Santos

🏠 *Universidade Federal do Rio de Janeiro / Rio de Janeiro, RJ, Brasil*

✉ *liviareisa@gmail.com*

DOI

[http://dx.doi.org/10.11606/](http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.165231)

[2179-0892.ra.2019.165231](http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.165231)

ORCID

[https://orcid.org/](https://orcid.org/0000-0003-3696-762X)

[0000-0003-3696-762X](https://orcid.org/0000-0003-3696-762X)

RESUMO

A partir do trabalho de campo realizado entre jovens crentes da Igreja Universal do Reino de Deus em Maputo, capital de Moçambique, este artigo analisa os elementos que articulam a igreja, os fiéis e o partido governante, a Frelimo, em torno de uma comunidade de pertencimento chamada Família Universal Moçambique. Como ponto de partida, o texto realiza uma “análise de situação social” da primeira visita oficial de um Presidente da República à sede nacional da IURD, um evento público que reuniu fiéis, não fiéis, lideranças religiosas e políticas durante a campanha eleitoral de 2014. Além deste evento, apresenta dados sobre a religião vivida cotidianamente pelos crentes e o posicionamento institucional da IURD no contexto moçambicano, ora incorporando, ora demonizando determinados aspectos da cultura local. Ao final, demonstra como a identidade iurdiana era acionada na construção de uma noção específica de ser moçambicano, quais moralidades estavam sendo disputadas como legítimas e o ideal de sociedade que se reivindicava discursiva e ativamente a partir do pertencimento religioso.

PALAVRAS-CHAVE

Igreja Universal do Reino de Deus, Moçambique, Frelimo, religião vivida

Strengthening Ties and Producing Believers: Notes on the Cooperation Between IURD and Frelimo in the City of Maputo

ABSTRACT

Based on fieldwork among young believers at the Universal Church of the Kingdom of God (IURD) in Maputo, the capital of Mozambique, this article analyzes the elements that articulate the church, the faithful and the governing party, Frelimo, around a community of belonging called Universal Family Mozambique. As a starting point, the text proposes to conduct a "social situation analysis" of the first official visit of a President of the Republic to the IURD National Headquarters, a public event that brought together faithful, non-faithful, religious leaders and politics during the 2014 electoral campaign. In addition to this event, it presents data of the lived religion by the believers and the institutional positioning of the IURD in the Mozambican context, incorporating and demonizing certain aspects of the local culture. In the end, it demonstrates how the iurdian identity was triggered in the construction of a specific notion of being Mozambican, which moralities were being disputed as legitimate, and the ideal of society that was discursively and actively claimed from religious belonging.

KEYWORDS

Universal Church of the Kingdom of God, Mozambique, Frelimo, Lived Religion

INTRODUÇÃO

De acordo com os dados de seu site oficial, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), denominação religiosa de origem brasileira, possui templos espalhados em mais de 100 países ao redor do mundo e está presente em todos os continentes do globo, embora as formas de inserção variem em cada um desses lugares. Situado na África Austral, Moçambique pode ser considerado um caso de sucesso do projeto missionário da IURD devido a forma como se articulou localmente, inserindo-se de maneira eficaz na cosmologia espiritual moçambicana e recebendo apoio do partido governante, a Frelimo¹. Este artigo, portanto, tem como objetivo identificar e analisar os elementos que compõem essa configuração tão específica quanto complexa. Para isso, busco circunscrever o objeto a partir da proposta de "análise de situação social", nos termos de Gluckman (2010), tomando como base a primeira visita oficial de um Presidente da República à sede da IURD no país, um evento público ocorrido durante a campanha eleitoral que antecedeu as eleições presidenciais de 2014. Ainda que sejam recortes escolhidos deliberadamente pelo antropólogo, as "situações sociais" estão longe de ser eventos aleatórios, pois, como nos explica Gluckman (2010: 239), podem exprimir estruturas, relações e instituições de uma sociedade quando observadas em suas inter-relações. A análise deste evento como uma *situação*, portanto, exige que ele seja isolado metodologicamente, para que, em seguida, eu possa recompor alguns de seus desdobramentos. Ao final, demonstro como os discursos e práticas da IURD e da Frelimo se equivalem, se reforçam e se legitimam, forjando um laço de pertencimento comum que produz crentes preocupados em transformar a si mesmos e também a realidade do país em que vivem.

1 Frente de Libertação de Moçambique.

Os dados utilizados foram recolhidos ao longo de seis meses, entre 2014 e 2015, quando realizei trabalho de campo em Maputo com membros da Força Jovem Universal (FJU), grupo destinado ao segmento jovem da IURD. Durante esse período, observei os processos internos, participei quase diariamente das atividades do grupo e acompanhei trajetórias individuais dos membros, sobretudo daqueles que chamei de *crentes engajados* (Reis, 2018). Ao contrário de uma membresia flutuante, que estabelecia com a igreja uma relação mais frouxa, os membros engajados se comprometiam a construir e expandir a IURD diariamente na cidade e pela cidade como parte da Família Universal Moçambique. Assumindo-se como integrantes dessa família, os fiéis produziam, reproduziam, reinventavam e ratificavam um conjunto de práticas que eram percebidas por eles como religiosas, sem, no entanto, se reduzirem a essa dimensão. Isso porque, para além da ocupação da cidade em trabalhos de evangelização e assistência social, grandes festas eram promovidas pela igreja ao longo do ano com temáticas que abordavam, por exemplo, cultura nacional e questões sociais como drogas, pobreza, violência e gravidez precoce. Esses eventos, por sua vez, não se restringiam aos muros da igreja, mas se espalhavam por praças, estádios, ginásios e ruas, sempre contando com a presença de membros do governo.

Em um primeiro momento, procurei observar a *religião vivida* (Hall, 1997; Orsi, 2010) pelos jovens crentes, uma opção que abriu um imenso leque de questões abordadas em minha tese de doutorado (Reis, 2018). Neste artigo, entretanto, proponho o deslocamento do foco da análise para a IURD, uma instituição altamente hierarquizada, mundialmente organizada e cujo projeto de poder já foi tema de livro escrito por seu fundador, o Bispo Edir Macedo (Macedo; Oliveira, 2008). Isso porque, embora os fiéis negociem de múltiplas formas os valores pregados como ideais pela igreja e criem brechas para lidar com a hierarquia institucional, é importante levar a sério os efeitos de uma relação que não é apenas verticalmente orientada, mas apoiada pelo partido que governa o país há mais de 50 anos.

Este fato se concretiza como um dado de pesquisa na medida em que resgatamos historicamente o tratamento empregado às religiões pela Frelimo desde a sua formação, na década de 1960, quando diferentes grupos nacionalistas se uniram em prol do sucesso da luta anticolonial. Como nos mostra Macagno (2009: 22), a busca pela unidade era um aspecto central para a construção de uma *nova sociedade* e educação do *Homem Novo* preconizado pela Frelimo. Em contraposição ao homem velho, o Homem Novo aglutinaria de forma gradual as identidades dos diferentes grupos etnolinguísticos numa realidade modernizadora, reorganizando-se “por meio da prática e da educação científica, nos valores nacionalistas, nos rituais militares, nos símbolos patrióticos, nas relações interpessoais de solidariedade e camaradagem, na hierarquia e organização que a guerra impunha” (Cabaço, 2009: 305).

Se, inicialmente, a tensão criada pela luta armada e o inimigo comum eram fatores de união entre os guerrilheiros da Frelimo, a realidade que se apresentou no pós-guerra acirrou as disputas internas dentro de um partido formado por grupos étnicos distintos, com experiências de vida e trabalho igualmente distintos, num país que foi ocupado de forma desigual pelo Estado colonial. Após a independência², a Frelimo assumiu oficialmente uma orientação marxista-leninista, de modo que o controle das atividades religiosas se tornou bastante rígido e membros cristãos foram obrigados a escolher entre o partido e a igreja (Hegelsson, 1994: 6). Para a população em geral, a prática religiosa deveria se restringir ao âmbito familiar e as cerimônias públicas foram proibidas (Nilsson, 2001: 109). De acordo com Hegelsson (1994: 4), havia aí uma forte contradição, já que a política antirreligiosa da Frelimo era uma reação contra a dominação colonial portuguesa, mas, ao mesmo tempo, o pressuposto constitucional da liberdade religiosa acabou sendo encoberto pela política socialista. Paralelamente, práticas tradicionais como o lobolo e os ritos de iniciação eram acusadas de promover o “obscurantismo” que deveria ser abandonado em direção à modernidade (Nilsson, 2001: 109). Somado a isso, as novas formas de organização do trabalho e do território idealizadas pela Frelimo, como as aldeias comunais³, confrontavam diretamente as formas locais de organização social assentadas no parentesco, responsáveis, entre outras coisas, por garantir a autoridade política legítima pela sucessão hereditária. Diante desse contexto, não tardou para que a Resistência Nacional Moçambicana, a Renamo⁴, capitalizasse a insatisfação popular a seu favor, “apresentando-se como um movimento contra o comunismo e o desrespeito pelas tradições moçambicanas” (Howana, 2002: 189), elevando a outro patamar os conflitos internos no país.

Ainda no governo socialista de Samora Machel (1975-86), a guerra e a grave crise econômica direcionaram as estratégias da Frelimo no sentido de estabelecer alianças internas, iniciando, assim, uma relação mais positiva com as religiosidades e um movimento de revalorização da “cultura moçambicana” (Cruz e Silva, 2001). Após dezesseis anos de conflitos, em 1992 foi assinado o Acordo Geral de Paz⁵, que contou com uma significativa contribuição das igrejas na condução das negociações⁶. A partir de então, houve uma abertura religiosa que contrastou diretamente com a postura regulatória característica da administração colonial e do período socialista da Frelimo. Como consequência, não tardou para que houvesse uma explosão do número de igrejas no país, principalmente as pentecostais. Atualmente, a Frelimo legitima e apoia os projetos da IURD e Moçambique se destaca como um dos países onde seu projeto missionário é mais bem-sucedido mundialmente. Desde que lá aportou, no mesmo ano do fim da guerra civil, conquistou milhares de adeptos e o controle de meios de comunicação de massa, além de se assumir publicamente como um ator impor-

2 O Acordo de Lusaka que estabeleceu um governo transitório foi assinado em 7 de setembro de 1974 e Samora Machel assumiu a presidência da República em 1975.

3 Sobre as vilas ou machambas comunais, ver Thomaz (2008).

4 Após a independência de Moçambique, em 1975, seguiu-se a guerra civil, travada entre a Frelimo e a Renamo, que acentuou ainda mais as desigualdades existentes no país. A nomenclatura da guerra que se seguiu à independência é uma categoria em disputa.

5 De acordo com Nilsson (2001:191) “o Acordo Geral de Paz não é um documento único, mas o reconhecimento de sete protocolos diferentes assinados ao longo do processo, de julho de 1990 a outubro de 1992, bem como quatro comunicados e declarações conjuntas que apareceram em fases diferentes da negociação”.

6 Cf. Cabaço (2009); Cruz e Silva (2001); Honwana (2002).

tante para reconstrução do país. Assim como observado por Sampaio (2014), a IURD também apoiou discursiva e ativamente a “reconstrução nacional” promovida pelo MPLA (Movimento pela Libertação de Angola) em Angola, sendo essa uma característica de inserção da IURD em ambos os contextos nacionais nos pós-guerras. Ao longo dos últimos anos, entretanto, a atuação da IURD em Angola se tornou alvo de inúmeras controvérsias públicas que culminaram na proibição temporária das atividades da igreja no país (Sampaio, 2014). O contexto moçambicano, por sua vez, seguiu na direção oposta, sendo possível identificar uma publicização cada vez maior da relação entre partido e igreja que dá forma ao cenário que passo a apresentar a partir de agora.

O “PAI DA NAÇÃO” VAI AO CENÁCULO DA FÉ

Em 21 de setembro celebra-se o Dia Internacional da Paz⁷. Para os moçambicanos, de maneira geral, a celebração tem significado especial, pois evoca a memória de uma violenta experiência colonial sucedida por duas guerras que mataram milhões de pessoas, deslocaram outras milhões de suas casas e deixaram outras tantas mutiladas e na miséria extrema. Por isso, a data costuma ser comemorada em diversos pontos do país. Foi também em 21 de setembro, num domingo de 2014, que Armando Guebuza se tornou o primeiro Presidente da República a fazer uma visita oficial à sede nacional da IURD em Moçambique, o Cenáculo Maior, na capital Maputo. De acordo com o jornal Folha Universal, a visita presidencial tinha como motivação uma homenagem ao Presidente “pelo reconhecimento de seus feitos ao longo de seu mandato com vista ao bem-estar dos moçambicanos”⁸. Nesse dia, a rua 24 de julho, zona central da cidade onde se localiza o Cenáculo, foi fechada para a circulação de carros e um telão foi instalado para que uma multidão assistisse à cerimônia⁹. Muitas mulheres esperavam sentadas no chão, numa posição comum entre as moçambicanas do sul de Moçambique – pernas esticadas formando uma angulação de noventa graus com o tronco. Outras pessoas¹⁰ riam e especulavam enquanto se esforçavam para garantir um lugar que assegurasse uma visão privilegiada: de cima das árvores, das sacadas de suas casas ou sobre os carros. As caixas de som alocadas ao lado do telão tocavam músicas religiosas e um coral de mulheres negras vestidas com roupas feitas de capulanas se preparava para recepcionar a comitiva presidencial. No meio da multidão, uma repórter da TV Miramar gravava a reportagem que iria ao ar no telejornal de mais tarde junto com as notícias sobre outras comemorações ocorridas na cidade. Para os crentes da Universal, especificamente, o termo possui um duplo significado, já que *estar em paz* é uma categoria nativa que remete, também, ao encontro com o Espírito Santo que possibilita a vitória na guerra contra a legião de espíritos invisíveis que os impede de alcançar a prosperidade. Tratava-se, portanto, de um

7 Data instituída pela Organização das Nações Unidas, a ONU.

8 Folha Universal edição nº 675.

9 Dados divulgados pelos telejornais e jornais de notícias falavam em dez mil pessoas.

10 Refiro-me aos presentes deste evento como “pessoas” porque não posso afirmar que todos eram fiéis. Uma das entrevistadas nesse dia, por exemplo, disse que era sua primeira vez ali e que havia sido atraída pela visita do Presidente da República.

dia histórico e de festa. O culto estava marcado para as dez da manhã, mas às sete, quando cheguei, membros da IURD de diferentes regiões da cidade já estavam divididos em grupos e formavam um cordão de isolamento ao longo do percurso que a “ilustre visita”¹¹ percorreria a pé até a entrada do Cenáculo. Como se observa na Figura 3, a multiplicidade de uniformes usados pelos fiéis – Força Jovem, Força Jovem Teen, Evangelizadores, Obreiros, Mulheres em Ação etc. – indicava a diversidade de trabalhos desenvolvidos pela igreja e que variam conforme faixa etária, gênero e interesse de cada um. Aqueles que não pertenciam a nenhum dos grupos se amontoavam em frente à igreja, mas todos os presentes seguravam bandeirinhas nas quais, de um lado, se via o famoso símbolo da Igreja Universal - a pomba branca dentro de um coração vermelho - e, do outro, a seguinte inscrição: “Desenvolvimento e Reconciliação”.



Figura 1

Jovens membros da FJU e a bandeirinha recebida no evento
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 2

Foto do cordão de isolamento. Ao fundo, a antiga sede da IURD em Maputo. Fonte: Perfil da Força Jovem Universal no Facebook.



Figura 3
Presidente da República acenando para a multidão que o aguardava rodeado por pastores. Fonte: Arquivo pessoal.

Assim que o Presidente desceu do carro oficial, o coral de mulheres começou a cantar músicas em *changana*, língua nacional predominante em Maputo¹². As demais mulheres presentes entoavam o tradicional som de festejo, o *ululu*, enquanto bandeirinhas eram balançadas por todos os lados. Guebuza cruzou o cordão humano acompanhado de um dos fundadores da IURD em Moçambique, o brasileiro Bispo Jean dos Santos, do presidente da IURD, da Rede de Televisão Miramar e também fundador da IURD em Moçambique, o moçambicano Dr. José Guerra, além de outros pastores de diferentes nacionalidades, incluindo brasileiros e moçambicanos. As respectivas esposas também acompanharam a comitiva, embora posicionadas atrás do pelotão principal composto por homens. A multidão estava eufórica. “*Papa, papa!*”¹³ – gritavam duas meninas à minha frente enquanto acenavam para Guebuza.



Figura 4
Fiéis assistindo à cerimônia pelo telão. Fonte: Perfil da Força Jovem Universal no Facebook.

Adélia¹⁴ era negra, tinha 33 anos e trabalhava como empregada doméstica na casa onde aluguei um quarto em Maputo, motivo pelo qual convivemos diariamente por seis meses. Após alguma insistência, ela permitiu minha visita à casa onde vivia com a mãe e o irmão e na qual as conversas aconteciam obrigatoriamente em *changana*, pois sua mãe não falava português. Com base em nossas conversas, percebi que, para Adélia e seus familiares, o orgulho de

12 O site oficial do governo reconhece 20 línguas nacionais, mas esse número é controverso. O português é a língua oficial. Disponível em <http://www.portaldogoverno.gov.mz/>. Acessado em 02.12.2017. De acordo com o Censo de 2007, apenas 42,9% da população da cidade de Maputo fala português. O xichangana é falado por 31,5% e xirhonga por 9,7%. Entre os mais jovens (5-19 anos), o português é falado por 58,4% da população.

13 Referência à figura masculina do chefe de família em Moçambique.

14 Todos os nomes são fictícios, exceto os dos líderes e pastores da IURD.

“ser moçambicano” tinha menos a ver com compartilhar uma língua ou obedecer determinados padrões culturais e mais com o reconhecimento da importância da guerra de libertação contra o colonialismo português conduzida pela Frelimo e do lugar do Presidente da República como o chefe da “casa”, o pai. Segundo Adélia, seus antepassados haviam sido submetidos a trabalhos compulsórios, mas a revolução que resultou na independência do país permitiu que ela não tivesse o mesmo destino.

Por isso, Adélia era grata à Frelimo e sempre usava o pronome possessivo para se referir ao partido e ao presidente: “meu partido” e “meu presidente”.

Lembrei-me imediatamente das conversas com Adélia quando escutei as duas meninas durante a passagem de Guebuza. Elas riam envergonhadas na medida em que gritavam pelo Presidente, como se estivessem arrependidas com tamanha ousadia. Um sentimento de proximidade, ainda que distante. Se o Estado não existe senão enquanto uma representação que é tangível e observável na vida das pessoas, a dimensão espetacular da existência estatal nada mais é que uma forma pela qual o próprio Estado se apresenta a elas. De acordo com Mbembe (2006), a dimensão personificada desse poder agrega à relação entre governantes e governados uma domesticidade capaz de capturá-la para a esfera da subjetividade ao mesmo tempo em que lhe carrega de proximidades e tensões permanentes. Ao longo do campo, era comum escutar dos fiéis que o processo de independência liderado pela Frelimo gerou em muitos deles um sentimento de gratidão que aproxima a Frelimo e, conseqüentemente, a figura do governante, da esfera subjetiva. Fotografias do presidente estavam em muitas casas, comércio e repartições públicas. Não por acaso, como na figura abaixo, também estavam na casa do pai espiritual, a Igreja Universal.

Se, num primeiro momento, fui levada a pensar que o apoio à Frelimo era uma unanimidade entre os membros da IURD, foi curioso descobrir, aos poucos, que muitos dos presentes na visita presidencial eram críticos ao partido e, até mesmo, votaram no principal candidato da oposição à Presidência, Afonso Dhlakama, da Renamo¹⁵, naquela eleição. Certa vez, num passeio dominical, Pinina, uma jovem crente de 29 anos, me disse em tom de empolgação que



Figura 6
Foto de Armando Guebuza nos corredores da IURD.
Fonte: Arquivo pessoal.

Dhlakama era o “Pai da Democracia”¹⁶ e que os “mentirosos da Frelimo” não ganhariam mais seu voto. Pinina estava na homenagem à Guebuza.

Após uma breve visita às dependências da igreja, as autoridades presentes se organizaram sobre o altar para execução do hino nacional. Na rua, onde eu acompanhava a cerimônia, a multidão ficou em silêncio e cantou em uníssono:

*“Moçambique nossa pátria gloriosa/Pedra a pedra construindo um novo dia/
Milhões de braços, uma só força/Oh pátria amada, vamos vencer! Povo unido
do Rovuma ao Maputo/Colhe os frutos do combate pela paz/ Cresce o sonho
ondulando na bandeira/ E vai lavrando na certeza do amanhã”* (trecho do hino nacional moçambicano).

Logo após, Bispo Jean deu início à cerimônia desejando boas-vindas ao “Pai da Nação, o Presidente”, entregou-lhe alguns presentes e realizou uma benção especial juntamente aos fiéis, que, com as mãos estendidas, oraram por ele. Em seguida, foi a vez do Presidente da IURD em Moçambique, José Guerra. Como veremos logo abaixo¹⁷, seu discurso ressaltou que as conquistas do governo Guebuza eram percebidas pelos fiéis e que seus esforços para manutenção da paz eram sinônimo de uma boa liderança. Exaltou qualidades pessoais do presidente e a importância de seu governo para o progresso do país e na luta contra a pobreza. Destacou que sua autoridade havia sido instituída por Deus, para, em seguida, ler um trecho bíblico que comprovava a afirmação.

“Sua Excelência Presidente da República de Moçambique, Ministra da Justiça, Governador da Cidade de Maputo, Presidente do Conselho Municipal da cidade de Maputo, Sra. Vereadora, Bispo da IURD, distintos convidados, meus irmãos e irmãs. Foi com grande satisfação que recebemos a resposta positiva do convite por nós feito para que o Presidente da República estivesse no Cenáculo da Fé. A satisfação surge não apenas pelo fato de Sua Excelência ser autoridade máxima deste país, mas também porque sabemos que estamos diante de uma autoridade instituída por Deus. Hoje, a Bíblia Sagrada diz em Romanos 13,1 que todos estejam sujeitos às autoridades superiores porque não há autoridade que não proceda de Deus e as autoridades que existem foram por ele constituídas. Por isso, muito nos honra e sensibiliza a presença de V.Exa. neste lugar. Ademais, cumpre-nos informar que a IURD é uma igreja cristã, evangélica e está em Moçambique desde 1992, quando ambos comprometidos com a pregação da palavra de Deus, decidiram todos os contatos possíveis com as autoridades do país com vista a

16 Entre os simpatizantes da Renamo, membros ou não-membros da IURD, era recorrente o argumento de que, não fosse pela luta armada da Renamo, não haveria uma democracia hoje em Moçambique. Ao descrever a gênese da Renamo, Fry nos mostra que esse era um discurso da própria Renamo: “nessa época de Guerra Fria, a Renamo procurou legitimar suas atividades afirmando atuar em nome da democracia” (2000: 77).

17 Por se tratar de um evento público, optei por gravar toda a cerimônia com o celular.

iniciar um trabalho evangélico. Felizmente, Exa., tivemos [José Guerra e Bispo Jean] o privilégio de fazer parte do grupo constituído por três homens que deram início ao trabalho da IURD aqui em Moçambique e o primeiro culto realizado contou com a presença de apenas três pessoas. Hoje, como pode verificar V. Exa, os assentos dessa igreja, tem sido insuficientes para acomodar tantos fiéis, pois a igreja conta hoje com milhares de membros. Este crescimento reflete-se também no número de templos a construir, em famílias restauradas, pessoas curadas de doenças e libertas do mal, famílias alcançando a prosperidade financeira bem como o número de pastores moçambicanos pregando o evangelho no país e pelo mundo em lugares como Angola, Brasil, Portugal, Uganda, Quênia, Gabão, Gambia, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Camarões, África do Sul, Jamaica, Inglaterra, Madagascar e São Tome e Príncipe. Exa., para além do trabalho evangélico, a Igreja Universal realiza obras de cunho social e assistencial em Moçambique através de seu braço humanitário, a ABC, uma instituição filantrópica, sem fins lucrativos, atuando desde 1993. No conjunto das atividades promovidas por essa associação, destaca-se o apoio que tem dado às vítimas de desastres naturais, quando as mesmas ocorrem; a organização da campanha de doação de sangue, atendendo aos apelos feitos pelo Ministério da Saúde; assistência aos orfanatos e oferta de produtos de higiene pessoal nas cadeias. Ainda no âmbito social, a IURD está a desenvolver um projeto denominado “dose mais forte”, destinado ao combate ao uso de entorpecentes, com acompanhamento e recuperação de viciados, principalmente na cidade de Maputo. Senhor Presidente, o nosso maior propósito nesta data é prestar homenagem à Sua Excelência como homem do **desenvolvimento** e da **conciliação**, pois a IURD reconhece os inúmeros feitos e realizações (inaudível) para o bem estar do povo moçambicano. **Com relação ao desenvolvimento, saudamo-lo por ter despertado no cidadão moçambicano a concepção de que o desenvolvimento do país não é tarefa exclusiva do governo, mas é de todos nós e só podemos alcançá-lo com muito trabalho e dedicação.** Saudamo-lo pelo esforço empreendido no sentido de conscientizar o povo moçambicano de que as dificuldades, quando transformadas em desafios, podem melhor ser superadas. Saudamo-lo, Exa., pela sua entrega **ao trabalho com muita força e determinação**, acreditando na (inaudível) de cada moçambicano dessa pátria amada. Como homem da **reconciliação**, saudamo-lo pela perseverança, maestria, inteligência e paciência, demonstrando no âmbito do diálogo da reconciliação política que culminou com a assinatura do acordo para cessação das hostilidades militares que vai devolver a tranquilidade ao povo moçambicano. [...] Excelência, podemos notar que durante seu mandato que um dos maiores pilares da agenda nacional, a luta contra a pobreza, e os resultados conquistados nesse período são encorajadores e nos fazem acreditar que podemos vencer a pobreza com as nossas próprias mãos. As conquistas desse

*encorajamento são visíveis, quando olhamos para o que está a nossa volta, quando vejo o relato do surgimento de novos **empreendedores** que estão a **prosperar** através dos pequenos negócios iniciados com base no fundo alocado aos distritos, canalizado por iniciativa de S. Exa. Foi no (inaudível) da luta contra a pobreza, atendendo ao apelo que insistentemente Sua Exa. vinha fazendo, que a Igreja Universal, através de seu braço humanitário, a ABC, decidiu criar um centro de formação profissional que, de forma gratuita, e para todo cidadão moçambicano interessado, tem formado trimestralmente 500 pessoas através dos cursos de culinária, corte e costura, cabelereiro, informática e inglês. Em coordenação com a comissão de educação, para além da cidade de Maputo, introduzimos também o projeto de alfabetização de adultos. **O Centro trabalha em parceria com o Conselho Municipal** através do qual o mesmo identifica pessoas carenciadas, dos diversos distritos municipais, e as envia para que tenham sim uma formação.[...] Exa., os ganhos alcançados nos últimos anos são incontestáveis e incomensuráveis. Além dos jovens formados, podemos destacar alguns que consideramos de grande importância para o país, como a reversão da (inaudível) para Moçambique, a institucionalização das presenças abertas e inclusivas bem como do fundo para desenvolvimento distrital. O crescimento econômico, o fortalecimento democrático, a consolidação da unidade nacional, o fortalecimento do Estado de Direito Democrático. Com isto, acreditamos que conforme está escrito no livro II Timóteo 4,7, sua Exa. poderá certamente dizer: “combati o bom combate, terminei a carreira, guardei a fé”. Hoje, nunca assistimos no país, como nos últimos anos, a algo indiscutível. Senhor presidente, são poucas as palavras que temos pra descrever a vossa obra neste país, pois a mesma se impõe como um exemplo admirável, mas, esteja certo, que temos assim, Exa., o retrato de um líder que irá ficar para sempre em nossa memória. E, com isso, a IURD decidiu homenageá-lo e manifestar o reconhecimento, respeito e admiração que temos em relação a Sua Exa. Assim, Sr. Presidente, e à Vossa distinta família formulamos votos de muita saúde, prosperidade, felicidade e longos anos de vida”[...] (Fala de José Guerra, grifos meus).*

Ao final desta fala, uma música de agradecimento que entoava a palavra “obrigada!” e seu equivalente em *changana*, *khanimambo*, foi cantada pelo coral e acompanhada pelos fiéis. Guebuza assumiu o lugar de fala logo na sequência e agradeceu as homenagens sublinhando seu próprio compromisso com a cultura da paz, com a consolidação da unidade nacional e o aprofundamento da reconciliação nacional. Elogiou o papel da Igreja Universal em Moçambique, com destaque para “a importância fundamental das igrejas como educadoras, formadoras, e terapeutas espirituais com vista ao bem-estar dos moçambicanos”. Destacou, também, a importância das igrejas para instituição de valores

e manutenção da paz no país, sobretudo quando se juntam à sociedade em diferentes frentes de ação. Salientou que, ao incentivar as pessoas a melhorarem suas próprias vidas, “a IURD ajudava a construir um futuro melhor para o país”. Finalizou seu discurso citando o acordo de paz com a Renamo, elogiando as ações sociais realizadas pela Associação Beneficente Cristã (ABC) e afirmando que contava com a ajuda das igrejas “na luta contra a pobreza, na luta por desarmar mentes e limpar as lágrimas daqueles que ainda choram as mortes ou a mutilação de pessoas queridas”. A seguir, trechos do discurso do Presidente moçambicano:

“Muito obrigada. [...] Por ocasião desta cerimônia, gostaria de manifestar nossa profunda gratidão por essa homenagem que nos prestam nessa instituição religiosa, refiro-me a Igreja Universal do Reino de Deus.

*[...] Como é de domínio público, homologamos ao mais alto nível, o acordo entre o Governo e a Renamo, para a cessação das hostilidades militares, com caráter imediato e definitivo. Subsequentemente, este acordo foi aprovado pela Assembleia da República, sob o signo de uma esperança renovada, tendente a consolidar os alicerces do edifício da paz, passando assim, este ato, a integrar o nosso quadro jurídico. [...] **A Igreja Universal e todas as outras confissões religiosas terão um papel fundamental para desarmar mentes e ressocializá-las para uma vida em sociedade, inserida num contexto de um Estado de Direito Democrático.** Terão, ainda, um papel importante para limpar as lágrimas de quem ainda chora a perda de seus parentes queridos, pranteia ao contemplar os seus familiares que ficaram para sempre mutilados, no corpo ou traumatizados na mente e de quem não se consegue refazer das suas perdas materiais, patrimoniais e financeiras. O segundo desafio tem a ver com a participação desta igreja e de outras confissões religiosas, na mobilização de outros parceiros e vontades para participarem na reflexão sobre o estabelecimento, estruturação, organização, confinamento e financiamento de um Fundo da Paz e Reconciliação Nacional. Este fundo visa criar oportunidades de geração de renda por parte de nossos compatriotas, devidamente desmobilizados, incluindo, naturalmente, os elementos das forças residuais da Renamo. Um aspecto a deter é que os beneficiários desse fundo deverão ser capacitados para melhor realizarem seus projetos, criando, deste modo, renda pra si e até empregando outros compatriotas nossos.[...] Reconhecemos a experiência, a capacidade, a vocação da IURD e das outras confissões religiosas, para área de formação específica e para vida. Aliás, aqui foi ilustrado com os cursos de formação vocacional, técnico-profissional, que estão ocorrendo e que beneficiam de três em três meses muitos cidadãos nossos, capacitando para poderem exercer devidamente uma profissão digna. Por isso, queremos contar com os préstimos desta*

igreja e de outras confissões religiosas na superação destes desafios. [...] E sem a unidade nacional moçambicana não existe Moçambique e sem Moçambique não há povo moçambicano. [...] Que a paz floresça nos corações de todos e de cada um de nós, moçambicanos. Muito obrigado pela vossa atenção” (Trechos do discurso de Guebuza, grifos meus).

Guebuza saiu antes do final do culto, que continuou dentro do Cenáculo com a *consagração*¹⁸ da água da cura. Do lado de fora, os fiéis levantavam as garrafinhas em direção ao céu seguindo as orientações do Bispo transmitidas pelo telão. Um pouco apartados da multidão, vendedores ambulantes ofereciam garrafas de água àqueles que quisessem participar da oração. Após a bênção final, por volta do meio-dia, iniciou-se o processo de dispersão enquanto as caixas de som tocavam músicas religiosas pelas ruas. As pessoas dançavam, riam e movimentavam o comércio informal de comidas e bebidas que se formou no entorno. No fim da rua, exatamente onde Guebuza iniciou sua caminhada, ônibus municipais foram disponibilizados para transportar os fiéis novamente aos seus bairros de origem.

Os discursos pacificadores enunciados pelos líderes da IURD e pelo Presidente da República não poderiam ter sido mais pertinentes. A proximidade das eleições que ocorreriam em menos de um mês havia intensificado os conflitos entre a Frelimo e a Renamo e a eclosão de uma nova guerra não era descartada. Sob o argumento de que a Frelimo fraudava as eleições¹⁹, a Renamo prometia dividir o país caso sua vitória nas eleições presidenciais, dada pelo partido como certa, não fosse reconhecida. Fazia pouco tempo que Afonso Dhlakama havia saído do esconderijo onde permanecera durante três anos na serra da Gorongosa e seus comícios arrastavam multidões, principalmente na região central do país²⁰. Semanas antes do início do período eleitoral oficial – época em que ficam liberadas as propagandas eleitorais e comícios – foi assinado entre os presidentes dos dois partidos o Segundo Acordo Geral de Paz²¹, o mesmo a que Guebuza se refere em seu discurso, garantindo, assim, que as eleições transcorressem sem grandes incidentes.

De todo modo, a invocação da *memória da guerra* e a realização de uma homenagem ao Presidente da República no dia da *paz* não me pareceram mera coincidência. Ao enaltecer as características pessoais do presidente a partir de categorias que, como veremos adiante, são centrais para os crentes, tais como *trabalho, empreendedorismo e determinação*, e chamar atenção para seus esforços pela *conciliação nacional e unidade* num momento de intensos conflitos, a hierarquia da IURD revelava parte de suas estratégias no país: a cooperação com a Frelimo no sentido de ajudar a criar um clima de estabilidade, sem, entretanto,

18 Os processos de consagração de objetos rituais foram abordados por mim em minha tese de doutorado (Reis, 2018).

19 É verdade que esse era apenas um dos argumentos acionados para legitimação de um conflito que, evidentemente, é mais complexo. No entanto, jornais e textos acadêmicos (Mazula; Mbilana, 2003; Brito, 2008; Nuvunga, 2013) apontam para a existência de fraudes em todas as eleições multipartidárias desde 1994, quando houve a primeira eleição no país. Observadores da União Europeia consideraram as eleições de 2014 transparentes e o resultado oficial deu vitória à Frelimo. Sumich (2015) apontou em seu artigo que houve rumores de fraude também nas eleições de 2014.

20 Tive oportunidade de vê-lo falar num comício na cidade da Beira, região central do país, após as eleições. Meus amigos de Maputo me aconselharam a não ir ao evento com a presença de Dhlakama na capital antes das eleições para não colocar minha pesquisa em risco e eu acatei aos conselhos.

21 O primeiro acordo de paz, o Acordo Geral de Roma, foi assinado em 1992 e deu fim à guerra civil. O chamado “Segundo Acordo Geral de Paz”, ou Acordo de Paz e Reconciliação, foi, de acordo com o Relatório da União Europeia, assinado a 5 de setembro de 2014 e incluiu uma lei de anistia, um cessar-fogo e reintegração dos homens armados da Renamo nas forças armadas e polícia.

deixar de lembrar que as características mais valorizadas do Presidente estavam assentadas nos mesmos valores morais idealizados pela igreja.

A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS EM MOÇAMBIQUE

Com o fim da guerra civil, o número de igrejas registrado no Departamento de Assuntos Religiosos do Ministério da Justiça de Moçambique seguiu uma linha ascendente, passando de 112 em 1992 para 907 no ano de 2017. De acordo com os dados do Censo de 2017, a população do país se divide entre católicos (27,2%), evangélicos (15,3%), muçulmanos (18,9%), zione (15,6%) e sem religião (13,9%), incluindo ateus ou agnósticos. O cenário na cidade de Maputo, no entanto, não segue os índices nacionais. Em 2007, sua população era composta por uma maioria Zione (25,2%), seguida por católicos (23,1%), evangélicos/protestantes (21,2%) e sem religião (14,3%). Em 2017, no entanto, a ordem se inverteu por completo, com cerca de 29% da população declarando-se evangélica, ultrapassando católicos, muçulmanos e zione. Esse cenário confirma a previsão de Cruz e Silva (2003) realizada quase quinze anos antes, quando a autora afirmou que os dados oficiais relativos à religião no país não seriam consistentes, posto que projetados, e o cristianismo pentecostal a religiosidade predominante no sul do país, sendo a Igreja Universal a denominação religiosa com maior número de fiéis (2003: 123).

Embora seu registro oficial tenha sido feito em 13 de julho de 1993 (Cruz e Silva, 2003: 111), a IURD chegou a Moçambique em 1992, mesmo ano em que iniciou seus trabalhos na África do Sul (van Wyk, 2014) e um ano depois de ter aportado em Angola (Sampaio, 2014). Atualmente, Moçambique é um dos países com o maior número de adeptos em África²² e seu crescimento se deu de forma rápida, principalmente na região sul do país onde se localiza Maputo. Sua primeira sede na cidade localizava-se num cinema desativado, o Cine África, mas em poucos anos a IURD estava instalada em todas as províncias do país, totalizando 250 templos em 2015, sendo ao menos 100 na cidade de Maputo (Kamp, 2016: 11). Em janeiro de 2011, Edir Macedo inaugurou pessoalmente o “Cenáculo Maior”, com espaço para três mil pessoas²³.

Como no Brasil, seu aparato midiático é vasto. A versão moçambicana da Folha Universal é impressa na província de Maputo e distribuída semanalmente desde 1994, com uma tiragem média de 15.000 exemplares em 2014 e 2015. A publicação se assemelha bastante à versão brasileira, tanto esteticamente quanto em relação ao conteúdo. Há seções sobre as ações da IURD em Moçambique e no mundo, testemunhos de fiéis, notícias sobre política nacional e internacional, artigos escritos pelos principais líderes da igreja, incluindo a seção sobre família e relacionamentos conjugais escrita por Cristiane Cardoso, filha de Edir Macedo, dicas de moda para mulheres e seção sobre esportes.

²² Para informações sobre Igreja Universal na África Austral, ver Freston (2005).

²³ Dados retirados do site <https://goo.gl/f1UqAc>, acessado em 12.08.2015.

A emissora de rádio foi a segunda forma de inserção midiática promovida pela IURD no país. Conforme depoimento do Dr. José Guerra²⁴, a Rádio Miramar teria recebido autorização do governo para funcionar em 1993, embora sua inauguração oficial tenha ocorrido apenas em 1995. A TV Miramar²⁵, segunda rede privada de televisão em Moçambique, foi inaugurada em 1999 e tem o Grupo Record de Comunicação como coproprietário e administrador. Embora a transmissão inaugural da emissora no país tenha sido um programa da Igreja Universal, rapidamente a Miramar passou a reproduzir o conteúdo da Rede Record brasileira. Atualmente, a TV Miramar é uma das principais redes de televisão do país, com o sinal aberto transmitido para todo o território e uma programação diversificada que inclui novelas brasileiras, jornais de notícias moçambicanos e programas de entretenimento brasileiros e moçambicanos. Mais recentemente, foi inaugurado o Portal, que está sempre atualizado na internet²⁶. Redes sociais como o Facebook e WhatsApp são bastante utilizados tanto na interação com os fiéis como na divulgação de atividades e conteúdos produzidos no Brasil e em Moçambique.

Para além das curas espirituais, as ações da igreja incluem a assistência social. Por intermédio da IURD é possível fazer documentos, certidões de casamento, receber capacitação profissional, doação de alimentos e tratamento para dependência química, por exemplo, além de participar de mutirões de doação de sangue, visitas a presídios e a centros de acolhimento a populações de rua. A maioria dessas ações, pelo menos no período em que estive em campo, era promovida pela Associação Beneficente Cristã (ABC), cujo modelo de organização seguia o da já extinta homônima brasileira. No entanto, grupos como a FJU vinham assumindo o protagonismo das práticas de assistência social, seguindo uma tendência do Brasil (Scheliga, 2010). Em agosto de 2018, Edir Macedo inaugurou pessoalmente um imponente Centro de Formação de Jovens em Maputo, que se propõe a oferecer aos jovens africanos, e não somente aos fiéis moçambicanos, cursos de capacitação, esportes, artes marciais, dança, teatro, acesso à internet, auxílio na procura de empregos etc.

Se, de fato, a boa relação entre a IURD e a Frelimo é um dado incontestável, isso não significa que ela não seja atravessada por controvérsias. No início da década de 90, por exemplo, a rádio Miramar foi uma das três concessões, de um total de treze licenciadas, a entrar em operação no país (Freston, 2005: 57), funcionando em dois andares do prédio do Comitê Central da Frelimo numa região nobre de Maputo. O líder da IURD em Moçambique à época, o Bispo Rodrigues, negou qualquer favorecimento por parte da Frelimo, mas, como nos mostra Freston (2005), acredita-se que o apoio à IURD pela Frelimo seja parte de uma estratégia de contenção do poder da Igreja Católica no campo religioso moçambicano e, também, uma moeda de troca eleitoral. Não obstante, Edir Macedo foi recebido em 1999 pelo ex-presidente Joaquim Chissano, em 2011

24 Disponível em <https://goo.gl/vCujMW>, acessado em 02.01.2018.

25 Disponível em <http://miramar.co.mz/>, acessado em 02.01.2018.

26 O portal da IURD em Moçambique está disponível em www.universal.com.mz, acessado em 22.12.2017.

pelo então presidente Armando Guebuza - que retribuiu a gentileza fazendo a visita ao Cenáculo da Fé, em setembro de 2014. Por duas vezes, em 2016 e em 2018, Edir Macedo fez visitas oficiais ao Presidente Felipe Nyusi, que visitou a IURD antes das eleições de 2014 para receber orações dos fiéis e lá voltou em 2015 para agradecer o apoio recebido²⁷. Maria da Luz Guebuza, esposa do então Presidente Guebuza e membro da IURD, foi homenageada pela Universal por seus feitos como Primeira-Dama em 2014. Na ocasião, a “mama Guebuza”, como foi chamada, recebeu elogios por seu trabalho em prol das mulheres e crianças moçambicanas e pelo exemplo de mulher e esposa que representava para as crentes da Universal²⁸.

Todos esses episódios, que se somam à desconfiança generalizada sobre a centralidade do dinheiro na religiosidade iurdiana, contribuíram para que se acentuassem os questionamentos, tanto da mídia²⁹ como da população que não compartilhava deste credo sobre a legitimidade da relação estabelecida entre ambas as instituições. Se, para algumas pessoas, a proximidade entre partido e igreja não gerava estranheza, havia uma parcela da população que enxergava essa ligação com desconfiança. Ao longo do período em campo, ouvi rumores de que a Universal chegou à Moçambique por intermédio da Frelimo e de que a sede administrativa da IURD e a TV Miramar funcionaram no prédio da Frelimo na Avenida Julius Nyerere. Havia, ainda, boatos sobre a existência de um caixa eletrônico dentro do Cenáculo – supostamente para facilitar que as pessoas doassem mais dinheiro –, mas eu jamais o encontrei³⁰. Em relação à igreja em si, as acusações que ouvi em conversas com não crentes sugeriam uma ligação entre a classe social dos adeptos e uma suposta ausência de autonomia. Para essas pessoas, a IURD “enganava os pobres” e “fazia lavagem cerebral nos fiéis para ganhar dinheiro”. No entanto, ainda que o enquadramento da categoria classe-média seja de difícil definição em Moçambique (Sumich, 2015)³¹, é possível afirmar que, pelo menos entre os frequentadores do Cenáculo, a membresia iurdiana era muito diversificada e longe de ser constituída exclusivamente pela camada mais pobre da população moçambicana, contando, inclusive, com membros da classe política.

A CONSTRUÇÃO DO INIMIGO

Se o apoio político da Frelimo foi fundamental para a inserção e consolidação da IURD no país, não menos importante é o fato de que a mensagem iurdiana de prosperidade e batalha espiritual se inseriu com sucesso na cosmologia local compartilhada no sul de Moçambique. Parte da literatura (Thomaz, 2005; Passador, 2011) já havia chamado atenção para a centralidade da categoria “inimigo” entre as populações nativas de Moçambique. De acordo com Passador (2011),

27 Na ocasião, além de agradecer o apoio e encorajamento recebido da IURD durante a campanha eleitoral, reiterou sua missão de estabelecer a paz: “Foi aqui pedido para dar mais atenção ao dossiê da paz. Aceito porque assumi o compromisso. E digo que mesmo amanhã vou fazer formalmente um convite ao líder da Renamo para falarmos”, disse o presidente. Fonte: Jornal “A Verdade”, acessado em 24.08.15, disponível em: <https://goo.gl/BuZuDp>.

28 Reportagem pode ser acessada no endereço eletrônico: <https://goo.gl/PQaAbw>. Acessada em 17.02.16.

29 De acordo com reportagem publicada pela revista Carta Capital em 2012, “nos primeiros anos da expansão, a IURD enfrentou o então ministro de Cultura e Desporto, Mateus Katupha, que criticou o uso de instalações esportivas para eventos religiosos (enquanto seu atual sucessor presenciou o Dia D in loco. Em meados dos anos 1990, Carlos Cardoso, jornalista moçambicano, publicou uma série de editoriais dizendo que a IURD constituía uma empresa, ao invés de uma igreja, e como tal, deveria ser sujeita a impostos. Concorrentes do canal Miramar – a TVM e a STV – fizeram reportagens sobre ex-fiéis da IURD que entregaram as suas casas à igreja, na esperança de recompensas divinas”. Disponível em <https://goo.gl/fQcQwq>, acessado em 12.12.17.

30 Sampaio (2014) e van Wyk (2014) descrevem processos semelhantes em Angola e na África do Sul, respectivamente.

31 Reconhecendo a complexidade e a potencialidade do termo, Sumich (2015) analisa, a partir da percepção de seus

ela orienta os sistemas de organização dos sujeitos e suas relações sociais pois está na base das relações de parentesco e aliança com o mundo dos espíritos, dos processos de cura tradicionais, e, sobretudo, no fundamento dos conflitos e guerras. Considerando que a organização da cosmologia tradicional no sul de Moçambique resulta da guerra pré-colonial de fixação e expansão do Estado de Gaza e que as estratégias de pacificação passam pelos sistemas tradicionais, o autor aponta a importância de pensar que na base da elaboração dessa cosmologia está o próprio princípio lógico da guerra: “a relação de conflito com o inimigo estrangeiro e a necessidade de apaziguá-lo e dominá-lo” (2011: 23). Ressalta, ainda, que a persistência dessa cosmologia não significa que “usos e costumes” rígidos permaneçam em ação, mas que “um conjunto de princípios lógicos, cosmológicos e ontológicos presentes nas formas de aliança e descendência que fundam os sujeitos e sua realidade, estruturam as relações entre vivos e mortos e destes com uma certa natureza” (2011: 154). Corroborando o argumento de Fry (2000), para Passador esses princípios se atualizariam nas experiências contemporâneas na medida em que são incorporados em esquemas de interpretação que “têm eficácia explicativa e pragmática para as populações locais” (2001: 28).

É importante destacar, ainda, a centralidade das relações de parentesco na constituição da noção de pessoa e na cosmologia que ordena a vida social e as práticas de cura na região, incluído aí o inseparável mundo dos espíritos. Como nos mostra Honwana (2002), grande parte dos moçambicanos não considera que a morte do indivíduo represente o fim de sua existência, mas a passagem para uma dimensão que permite que humanos e espíritos partilhem uma existência combinada e integrada. Assim, os espíritos não são considerados agentes externos às pessoas, mas parte constitutiva deles (Howana, 2002). O compartilhamento dessa existência, por sua vez, permite que espíritos de origem familiar, por meio dos vivos, exerçam uma influência poderosa sobre a sociedade na medida em que resolvem conflitos, curam doenças e contribuem para manutenção do bem-estar social (2002:15). Já os espíritos estrangeiros, em geral pertencentes aos inimigos mortos em guerras e que não passaram pelos rituais fúnebres, são reconhecidos por sua capacidade de praticar vingança contra os descendentes de seus algozes, podendo eles mesmos realizar tais feitos ou ser manipulados por feiticeiros para causar o mal. Ironicamente, como nos mostra Kamp (2016), o assunto é tratado como tabu por muitas famílias, seja porque a crença nos espíritos é vista como atraso, seja para esconder eventuais relações que os próprios familiares mantêm com os espíritos. Por isso, as novas gerações acabam por desconhecer suas tradições, que lhes são apresentadas como demoníacas pelas igrejas pentecostais.

Por ora, é importante ter em mente que é a esse mundo dos espíritos ontologicamente ligado ao mundo material que a IURD combate. Se as ações

próprios “membros”, a base moral de uma “classe média” em Maputo, as narrativas, as formas de dependência e os tipos de hegemonia social se baseia. Em suma, ele conclui que a classe média em Moçambique, ainda que tenha acesso a bens de consumo, leve em consideração fatores materiais e se baseie numa ideia de distinção para com os “pobres”, é uma categoria politicamente dependente e com pouco controle sobre os meios de produção.

desses espíritos, agora demônios, são responsáveis pela má situação da vida das pessoas, a IURD está pronta para expulsá-los numa solução rápida e eficaz. Diferentemente das igrejas Zione, onde os espíritos são apaziguados pelo poder do Espírito Santo (Fry, 2000; Mahumane, 2008; Cavallo, 2013), na IURD eles se tornam inimigos a serem aniquilados. No altar, demônios são desmascarados por pastores diante de uma audiência ávida por atestar sua capacidade em realizar diagnósticos e operar a cura por meios alternativos aos tradicionais. Quando entrevistados, os espíritos contam como fazem seus feitiços - denunciando recorrentemente familiares -, enquanto outras dezenas de pessoas em transe se contorcem no mesmo ambiente até que sejam libertadas, ainda que momentaneamente, pelo poder do Espírito Santo. Aos maridos espirituais³², por exemplo, problema mais relatado nos templos, era imputada a capacidade de impedir a concepção, atrapalhar casamentos, manter relações sexuais por sonhos ou até mesmo fisicamente com as fiéis. Os testemunhos comoventes de mulheres possuídas por maridos espirituais narravam em detalhes como eles atrapalhavam seu cotidiano, para, em seguida, valorizarem o fato de terem se tornado livres para traçar seu próprio destino no amor a partir da libertação proporcionada pela IURD. Ora irônicos, ora agressivos, os tais espíritos, e agora também entidades como pretos velhos e pombas-gira – inexistentes na cosmologia moçambicana antes da chegada da Universal –, atacavam pastores e os acusavam de revelar aos outros seus segredos e a forma como os feitiços eram realizados. No templo, portanto, desvelava-se uma lógica de feitiço e contrafeitiço que só poderia ser neutralizada pelo Deus da Universal. Ali reunidos, os fiéis buscavam se livrar definitivamente dos perigos invisíveis e traçar um caminho de proteção que dependia quase exclusivamente de seus próprios esforços e de sua fé, mas também da sua disposição para assumir um compromisso com a obra de Deus. Assim como no Brasil (Almeida, 2009; Mafra, 2002), a religiosidade iurdiana se constrói em Moçambique em oposição ao inimigo e está assentada na lógica do conflito, mas essa é uma característica inerente às igrejas pentecostais de maneira geral e que se intensifica em contextos africanos (Meyer, 1999; Gifford, 1998). O que, afinal, explicaria a proeminência da IURD em Maputo?

32 Kamp (2016) dedicou um capítulo de sua tese sobre o tema e a minha etnografia mostrou que os “maridos espirituais” ainda são apontados como os maiores responsáveis pelas mazelas na vida de mulheres na IURD.

A IMPORTÂNCIA DO COMPROMISSO COM DEUS

Quando fui convidada a participar dos encontros da FJU pela primeira vez, Moane, 26 anos, me explicou que o grupo era uma família onde “todos cuidavam de todos”. O grupo era coeso e hierarquizado, pois os mais antigos eram responsáveis pelos novatos, cobrando que eles se engajassem nas atividades diárias da igreja. Qualquer jovem podia se integrar à FJU, mas, entre ser convidado a participar das reuniões e tornar-se efetivamente membro, era necessário assumir

um compromisso com Deus dentro e fora da igreja. Servir ao altar, o principal dos dez mandamentos da FJU, era considerada uma tarefa árdua que só poderia ser cumprida por um jovem visionário, isto é, “aquele que possui a rara habilidade de aliar a visão à competência. Ele não enxerga apenas o presente: enxerga também o futuro, é capaz de prever tendências e de antecipar mudanças, em vez de ser simplesmente atropelado por elas”³³. O jovem visionário deveria pensar com a cabeça, ter foco e disciplina para estabelecer metas e batalhar, material e espiritualmente, dia após dia para alcançá-las. Nada disso, no entanto, poderia ser realizado sem a fé racional, uma fé inteligente guiada pela mente e pela razão que ajuda a construir os alicerces que sustentarão a vida do fiel. Edir Macedo dedicou um livro inteiro ao tema (Macedo, 2010) que já foi debatido por Teixeira (2016), Gomes (2011) e Scheliga (2010). Com base na fé racional, as lideranças ensinavam que os fiéis não deveriam se comportar como crianças e nem se deixar vulneráveis diante das fraquezas geradas pelos sentimentos, isto é, pelo coração. Por isso mesmo, era bem visto que membros evitassem qualquer tipo de relacionamento amoroso até que fossem considerados firmes na fé, de modo que ninguém se desviasse do propósito principal de buscar a Deus. Além disso, a igreja também ensinava aos jovens automotivação, autoconhecimento e a importância de serem eles mesmos os responsáveis por criar seus próprios trabalhos³⁴ - em contraposição ao emprego formal, que era escasso, humilhante e mal remunerado -, além de incentivar a adoção de um ethos específico que instituiu moralidades e domesticava corpos. Fiéis arrumados, higienizados, discretos, batalhadores e atentos são a prova cabal de que a Universal salva e a adesão aos seus valores também.

Todo esse processo, entretanto, se desenrolava paralelamente a um objetivo ainda maior: o preenchimento pelo Espírito Santo. Na IURD, o batismo no Espírito Santo é o reconhecimento divino do desenvolvimento espiritual do fiel por meio da atribuição de dons do Espírito Santo, um presente dado apenas àqueles comprometidos com a obra de Deus. Por este motivo, além de ser almejado pelos fiéis que desejavam permanecer em paz e protegidos dos inimigos, o *batismo no Espírito* operava como um elemento definidor do grau de envolvimento do crente com a igreja.

Grande parte das ações cotidianas dos crentes, sobretudo aquelas feitas fora da igreja, são permeadas pela lógica do sacrifício e do desafio e estão assentadas numa noção mais ampla de *prosperidade*, conforme já demonstrado por Scheliga (2010). No entanto, na medida em que as ações por meio das quais o crente sacrifica e doa seu tempo são realizadas e controladas pela igreja, isso permite que ela classifique a membresia a partir de seu engajamento nessas atividades. A hierarquização dos membros, por sua vez, é importante por muitos motivos, sobretudo para constituição dos quadros da igreja. Nesse sentido, a FJU tem se

33 Informação retirada do site da Igreja Universal <http://www.universal.co.mz/2013/11/jovens-visionarios-sao-graduados-no-cenaculo-maior/>, acessado em 12.04.15.

34 Sobre trabalho, empreendedorismo e Igreja Universal ver Lima, 2007; Mesquita, 2007; Rosas, 2012; Mafra, Swatawiski e Sampaio, 2012.

mostrado fundamental para formação de pastores, obreiros e missionárias. Em Maputo, especificamente, muitos dos jovens desejavam ser mais que um *membro*. Num país com altos índices de desemprego, trabalhar na igreja acabava se tornando um projeto de vida palpável para os jovens fiéis, parte considerável deles nascida e criada dentro da IURD, e, portanto, plenamente capaz de levar a mensagem iurdiana mundo afora. De todo modo, é importante destacar que o processo de ascensão na hierarquia da igreja, com raras exceções, só era autorizado aos *membros engajados* plenamente adaptados ao projeto pedagógico e disciplinador da FJU. No entanto, muitos desses jovens se mostravam dispostos e orgulhosos a ter uma carreira na igreja, uma oportunidade, segundo eles, de “vencer na vida” e fazer com que outros possam vencer também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise situacional da primeira visita oficial de um Presidente da República à sede da IURD em Moçambique, demonstrei como a cooperação da Frelimo é fundamental para que a IURD organize e oriente suas ações no país. No decorrer da narrativa, descrevi algumas das performances políticas, religiosas e individuais que observei participando do evento desde a rua com milhares de outros fiéis, apresentei os discursos das lideranças e as reivindicações por eles realizadas. Em seguida, apresentei dados sobre as atividades da IURD em Maputo, para sugerir, ao final, novos entendimentos sobre o que a adesão à religiosidade iurdiana provoca e o ideal de sociedade que está sendo publicamente disputado.

Em Moçambique, a IURD se faz presente de formas que extrapolam, e muito, o espaço físico da igreja - o templo. Ela está nos jornais, na televisão, no rádio, nas coisas que circulam da igreja para casa, está inscrita nos corpos dos fiéis, nas performances na rua e, assim, se afirma, se faz e refaz quando necessário. A religiosidade que se vive, portanto, permite que os crentes se unam em uma comunidade de pertencimento cuja vida pública é bastante ativa. Enquanto parte da Família Universal, os membros se reconhecem como crentes engajados em expandir a igreja e moçambicanos preocupados em melhorar as condições do país em que vivem.

De fato, a capacidade de adaptação a diferentes contextos é uma característica clássica da IURD³⁵. Em Moçambique, a cosmologia espiritual local compartilhada no sul do país, onde a IURD mais se expande, tem sua potência reconhecida e experimentada no interior da religiosidade iurdiana, ainda que para ser minimizada e destruída. No entanto, tudo isso também é reconhecido e experimentado, ainda que guardadas as diferenças, nas inúmeras igrejas pentecostais carismáticas (PCC's) e independentes africanas (AIC's) ali existentes. Nesse sentido, minha opção de partir da visita presidencial visava indicar, desde o início, a

35 Nesse sentido, cf. Mafra (1997), Almeida (2009), Teixeira (2014), Campos (2017).

peculiaridade da cooperação estabelecida entre a IURD e a Frelimo. Na ocasião, as falas dos líderes do partido e da igreja na ocasião da visita deixaram claro que os discursos e práticas da IURD se encontravam alinhados ao discurso estatal ou vice-versa, não é possível saber. Calçados numa noção de comunidade, os valores destacados pelas lideranças da igreja faziam sentido em duas importantes esferas da vida do fiel, o *mundo aqui dentro*, a igreja, e o *mundo lá fora*, auxiliando-os a alcançar bons trabalhos, casamentos de sucesso, e, por que não, imaginar um ideal de nação. Ao atribuir pessoalmente ao Presidente da República os mesmos valores buscados incessantemente pelos membros da Família Universal, tais como determinação (para alcançar objetivos), reconciliação (com Deus e entre moçambicanos), desenvolvimento (prosperidade) e trabalho (ação), o Presidente da IURD nos mostra o quanto os discursos convergiam no sentido de estreitar os laços que os unem e forjar um senso de pertencimento comum.

Por fim, procurei demonstrar também como esse pertencimento comum tira o Estado do monopólio da produção de uma identidade que se constrói dia após dia, lenta e gradualmente nos mínimos detalhes, embora em intensa relação a ele. Se, por um lado, a igreja oferece uma rede sólida de pertencimento e ajuda mútua, por outro, a IURD encontrou nos fiéis moçambicanos um desejo comum e urgente de melhorar as condições do país em que vivem e ofereceu a eles, com apoio da Frelimo, a possibilidade de promover essa transformação como membros da Família Universal Moçambique. Os crentes moçambicanos, portanto, encontram-se vinculados a uma instituição que, a partir de um discurso afinado ao do Estado, constrói um mecanismo de pertencimento único. Eles são membros da Universal e moçambicanos e é aí que a IURD se diferencia das demais igrejas. A religiosidade que os crentes vivem não está localizada numa esfera autônoma, apartada das outras, mas busca costurar as diferenças numa única identidade, a de crentes moçambicanos, conectando passado, presente e futuro enquanto articula o local e o global. Ela também constrói o mundo social e isso não pode ser ignorado. Mais que pertencer a uma comunidade religiosa, a adesão à IURD oferece aos fiéis a possibilidade de se tornar parte de um grupo que reconhece e valoriza Moçambique como país e os moçambicanos não apenas como crentes, mas como cidadãos portadores de direitos e deveres. Em algum momento, o Estado/Frelimo foi responsável por devolver aos moçambicanos o comando político do território, mas o acesso a uma vida melhor e, conseqüentemente, a construção de um país melhor, estariam atrelados à adesão a pedagogia iurdiana, e, portanto, condicionados ao trabalho, aos esforços individuais de cada um, e, é claro, à mediação de Deus e da igreja. Nesse sentido, o esforço deste artigo era demonstrar como a construção de um novo cidadão e de um novo país é pensada e promovida por membros da IURD. Manifestando ativamente suas reivindicações, os fiéis levantam novas pautas de debate público e constroem

novos espaços de atuação motivados não só pela fé, mas também pelo desejo de transformar Moçambique “*num país melhor*”, menos pobre, e, mais importante de tudo, num país em paz.

Livia Reis Santos é Doutora em Ciências Sociais (PPCIS/UERJ). Faz estágio pós-doutorado (PNPD/CAPES) do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ). Desenvolve pesquisas sobre a Igreja Universal do Reino de Deus em Moçambique e no Brasil, com foco em temas como política, espaço público e materialidades do sagrado. A pesquisa que deu origem a esse artigo foi financiada pela Capes e pela Faperj.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA: não se aplica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ronaldo de
2009 *A Igreja Universal e seus demônios*. São Paulo, Terceiro Nome.
- BRITO, Luis de
2008 “Uma Nota Sobre Voto, Abstenção e Fraude em Moçambique”. *Discussion paper* n.º 4. Maputo, IESE.
- CABAÇO, José Luís
2009 *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*. São Paulo, UNESP.
- CAVALLO, Giulia
2013 *Curar o passado: mulheres, espíritos e caminhos fechados nas Igrejas Zione em Maputo*. Lisboa, tese de doutorado, Instituto de Ciências Sociais.
- CRUZ e SILVA, Teresa
2001 *Igrejas Protestantes e a consciência política no sul de Moçambique: o caso da Missão Suíça (1930-1974)*. Maputo, Promédia.

2003 “Igreja Universal em Moçambique”. In: ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (org.). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo, Paulinas, pp. 123-135.

FRESTON, Paul

2005 “The Universal Church of the Kingdom of God: a Brazilian Church Finds Success in Southern Africa”. *Journal of Religion in Africa*, n. 35, v. 1:33-65.

FRY, Peter

2000 “O Espírito Santo contra o Feitiço e os espíritos revoltados: ‘civilização’ e ‘tradição’ em Moçambique”. *Revista Mana* n. 6, v. 2:65-95.

2001 *Moçambique: ensaios*. Rio de Janeiro, UFRJ.

GIFFORD, Paul

1998 *African Christianity: its public role*. Indiana University Press, Bloomington, Indiana.

GLUCKMAN, Max

2010 “Análise de uma situação social na Zululândia Moderna”. In: FELDMANBIANCO, Bela (org). *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo, UNESP.

GOMES, Edlaine Campos

2011 *A Era das Catedrais: a autenticidade em exibição*. Rio de Janeiro, Garamond.

HALL, David

1997 *Lived Religion in America: Toward a History of Practice*. Princeton, Princeton University Press.

HELGESSION, A.

1994 *Church, State and People in Mozambique: an Historical Study With Special Emphasis on Methodist Developments in Inhambane Region*. Uppsala, Swedish Institute of Missionary Research.

HONWANA, Alcinda

2002 *Espíritos vivos, tradições modernas: possessão de espíritos e reintegração social pós-guerra no sul de Moçambique*. Maputo, Promédia Editora.

KAMP, Linda Van de

2016 *Violent Conversion: Brazilian Pentecostalism and the Urban Pioneering of Women in Mozambique*. Rochester, James Currey.

LIMA, Diana

2007 “Trabalho, ‘mudança de vida’ e ‘prosperidade’ entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus”. *Religião e Sociedade*, v. 27, n.1: 132-155.

MACAGNO, Lorenzo

2009 Fragmentos de uma imaginação nacional. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 24 n. 70: 17-35

MACEDO, Edir

2010. *Fé Racional*. Rio de Janeiro, Unipro.

MACEDO, Edir; OLIVEIRA, Carlos

2008 *Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política*. Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil.

MAFRA, Clara

2002 *Na Posse da Palavra. Religião, Conversão e Liberdade Pessoal em Dois Contextos Nacionais*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

MAFRA, Clara; SWATOWISKI, Claudia; SAMPAIO, Camila

2012 “O projeto pastoral de Edir Macedo: uma igreja benevolente para indivíduos gananciosos?”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27: 81-96.

MAHUMANE, Jonas

2008 *Representações e percepções sobre crenças e tradições religiosas no Sul de Moçambique: o caso das Igrejas Zione*. Lisboa, tese de mestrado, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

MAZULA, Brazão; MBILANA, Guilherme

2003 “O papel das organizações da sociedade civil na prevenção, gestão e transformação de conflitos: a experiência de Moçambique”. Comunicação apresentada na Conferência co-organizada pela Faculdade de Direito da Universidade Católica de Angola (UCAN) e pela Fundação Friedrich Ebert sobre “Prevenção, Gestão e Transformação de Conflitos Eleitorais na Região da SADC” em dia 27 de Novembro de 2003 Online: http://library.fes.de/pdf-files/bueros/angola/hosting/updo3_04mbilana.pdf.

MBEMBE, Achille

2006 “The Banality of Power and the Aesthetics of Vulgarly in the Postcolony”. In: SHARMA, Aradhana & GUPTA, Akhil. *The Anthropology of the State. A Reader*. Oxford, Blackwell Publishing, pp. 381-400.

MESQUITA, Wânia

2007 “Correndo atrás da Prosperidade: Trabalho e Empreendedorismo entre fiéis neopentecostais”. *Ciências Sociais e Religião*, Vol. 9, Núm. 9 (2007): 195-215.

MEYER, Birgit

1999 *Translating the devil: religion and modernity among the Ewe in Ghana*. Edinburgh, Edinburgh University Press for the International African Institute.

NILSSON, Anders

2001 *Paz na nossa época. Para uma compreensão holística de conflitos na sociedade mundial*. Goterbog, CEEI-ISRI

NUVUNGA, Adriano

2013 “Política e eleições em Moçambique: as experiências de Angoche e Nicoadala. In: L. de Brito et al. (Orgs.). *Desafios para Moçambique 2013*. Maputo, Instituto de Estudos Sociais e Económicos. pp. 39-54.

ORSI, Robert

2010 *The Madonna of 115th Street: Faith and Community in Italian Harlem, 1880-1950*. New Haven, Yale University Press, 3 Ed.

PASSADOR, Luiz Marcos

2011 *Guerrear, casar, pacificar e curar: o universo da “tradição” e a experiência com o HIV/Aids no distrito de Hemoíne, sul de Moçambique*. Campinas, tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

REIS, Livia.

2018 *Ser Universal: crentes engajados e práticas cotidianas na cidade de Maputo*. Rio de Janeiro, tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

ROSAS, Nina

- 2012 “As ações sociais da Igreja Universal: recrutamento e empreendedorismo no ‘A Gente da Comunidade’ de Belo Horizonte”. *Ciências Sociais e Religião*, Vol. 14, Núm. 17 (2012): 27-51.

SAMPAIO, Camila

- 2014 *Através e apesar da “Reconstrução Nacional” em Angola: circunstâncias e arranjos nos limites da vida*. Rio de Janeiro, tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

SCHELIGA, Eva Lenita

- 2010 *Educando sentidos, orientando uma práxis: etnografia das práticas assistenciais de evangélicos brasileiros*. São Paulo, tese de doutorado, Universidade de São Paulo.

SUMICH, Jason

- 2015 “The Uncertainty of Prosperity: Dependence and the Politics of Middle Class Privilege in Maputo”. *Ethnos*, n. 1: 1-21.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes

- 2016 *A mulher universal: corpo, gênero e pedagogia da prosperidade*. Rio de Janeiro, Mar de Ideias - Navegação Cultural.

VAN WYK, Ilana

- 2014 *The Universal Church of the Kingdom of God in South Africa: a church of strangers*. Cambridge, Cambridge University Press.

Recebido em 31 de dezembro de 2018. Aceito em 13 de agosto de 2019.